

190				
				1

316

Fato do Dia

Faltou hombridade

O Brasil, e seus governantes, trata muito mal os seus idosos. Um exemplo trágico disso tivemos na semana passada quando o novo presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai) demitiu por fax a nossa maior personalidade na área indígena: Orlando Vilas Boas. O indigenista dedicou 48 dos seus 89 anos ao trabalho com os índios, pacificando inúmeras tribos, e não merecia ser demitido da maneira que foi, ainda mais por um neófito na questão.

Os irmãos Vilas Boas são quase uma lenda na sua dedicação aos índios. Desde 1943 trabalharam nisso e praticamente todas as tribos do Brasil Central e da Amazônia ou foram pacificadas, ou tiveram orientação para isso dos dois irmãos. Cláudio, o mais velho, morreu há pouco tempo, depois de ter contraído inúmeras doenças nos anos que viveu na selva. Orlando, depois de passar pelas mesmas provações - teve malária 235 vezes -, ocupava agora um cargo de confiança na Funai.

Foi deste cargo, onde ganhava pouco mais de R\$ 1 mil, que o presidente da Funai, Frederico Marés, resolveu demitir Orlando Vilas Boas "para adequar a instituição ao decreto 3.134", que determina corte de 10% nos cargos em comissão. O sr. Marés, de quem nunca se tinha ouvido falar até hoje, e imagina-se que seja mais um burocratazinho sem expressão, não teve nem a hombridade de chamar Orlando para dizer-lhe na cara que o estava demitindo.

Certamente não se pode mais confiar em uma instituição, e muito menos no seu presidente, que abre mão, para economizar R\$ 1 mil, de um dos maiores conhecedores mundiais das populações indígenas. Fazer isso é algo como se o Instituto Nacional de Física Aplicada abrisse mão da assessoria de Albert Einstein para economizar uns trocados.

Infelizmente é nisso que dá entregar algo como a Funai, e grande parte da administração do País, aos burocratas, cuja à visão, quando muito, chega a um palmo distante do nariz.

Índio quer home page

Que a música brasileira é boa ninguém duvida, mas a julgar pelos fãs, a próxima banda brasileira a estourar no mundo será composta de índios. Um grupo da tribo Ashaninka, que vive no Acre, conseguiu o incensado maestro Jaques Morelenbaum para fazer a direção artística de um CD, com músicas folclóricas cantadas no idioma deles, o arwuk.

Como o tempo do "índio quer apito" já passou, o pajé está mesmo é em Brasília em busca de patrocínio para o disco, uma home-page e um clip.